

Momentos de leitura

J. C. Alencar Araripe

O prefeito esquecido

Fortaleza teve um prefeito que administrou o município durante quase dez anos. Mas não existe na cidade uma placa sequer que projete o seu nome.

Por que esse deslizê? Por que se trata de uma gestão apagada, perdida na memória da idade? Se assim fora, como se compreende que tenha se prolongado por período tão extenso na primeira metade da centúria que se finda?

Um livro leva-nos a incursionar em indagações, como essas formuladas acima, e para as quais não se encontra resposta. Não é uma abordagem forçada. Flui naturalmente.

A obra intitula-se *Assistência Municipal de Fortaleza*, de autoria do médico Geraldo Wilson da Silveira Gonçalves, professor por muitos anos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará e membro da Academia Cearense de Medicina, e está a merecer atenção e louvores pelos registros históricos que encerra a respeito de uma das instituições mais úteis e beneméritas no plano da saúde pública.

Deparamo-nos com um trabalho paciente de pesquisa, em que muitos colaboraram, coligindo dados em fontes as mais diversas, e que Geraldo Gonçalves ordenou com propriedade e carinho. Conhecera de perto a Assistência, nela atuara, integrante que fora do grupo profissional que freqüentara enfermarias e salas de cirurgia no atendimento do povo da capital e do interior. Sim, do interior também. Pois, apesar de ser um serviço mantido pela Prefeitura de Fortaleza, dele socorrem-se, permanentemente, milhares de pessoas de diferentes pontos do Estado.

De 1937, quando se deu a sua inauguração, a 1962, um quarto de século, o livro encerra documentos que nos situam no

tempo e projeta pessoas. É um livro humano. Abrilhanta-o o prefácio de um médico e historiador de faro, Vinícius Barros Leal, cujo convívio é leve, agradável e proveitoso.

Recolho do seu depoimento esta apreciação:

“É um trabalho de observação perspicaz, de confirmação e correção dos fatos que marcaram aquele serviço e de destaque da atuação dos que trabalharam ou que ainda prestam colaboração ali. E o autor não navegou num mar sem bússola. Antes, procurou documentar todas as suas afirmações com fatos testemunhos expressos nos depoimentos dos colegas e nos velhos papéis arquivados nas repartições competentes. Fontes seguras e consultas a informantes deram firmeza e credibilidade ao que antes parecia mal definido. E apelou ainda para a sua abençoada memória, para dar ao fato o rumo correto.”

Para mim, é de extraordinário alcance o capítulo com as biografias dos médicos. Concordo por inteiro com a opinião de prefaciador: confere ainda maior valor ao livro. Desfilam diante do leitor nomes que se impõem ao nosso respeito e figuras que não seriam lembradas se não ocorresse a iniciativa ora aplaudida.

Das páginas de *Assistência Municipal de Fortaleza* emerge um protesto que Geraldo Gonçalves não conseguiu sopitar no remanso da sua reconstituição histórica. O prefeito que criou a Assistência, depois desdobrada em Hospital e Pronto Socorro e Instituto Dr. José Frota, não é lembrado em parte alguma da cidade.

Raimundo de Alencar Araripe foi eleito em 15 de março de 1936 prefeito de Fortaleza, apoiado pelas mesmas forças políticas que levaram o Dr. Menezes Pimentel ao governo do Estado. Assumindo a 13 de maio daquele ano, permaneceu no posto até 30 de

outubro de 1945. Dr. Pimentel, Interventor Federal com o golpe do Estado Novo de 1937, confirmara-o no cargo a que chegara em pleito livre.

Durante quase dez anos, Raimundo de Alencar Araripe ocupou a Prefeitura de Fortaleza. A ele deve-se a modernização do serviço telefônico, com a substituição dos aparelhos a manivela pelos automáticos a disco. Com ele, estendeu-se a pavimentação a paralelepípedo e pedra tosca. Diz Geraldo Gonçalves que a cidade se beneficiou de ampla remodelação. Bairros ganharam urbanização.

As terras do Sr. Dionísio Torres, cujos domínios iam da Piedade à atual Desembargador Moreira, foram favorecidas pela abertura de novas artérias. O grande proprietário, reconhecido, dispôs-se, voluntariamente, a doar uma quadra ao prefeito Araripe. Este, de pronto, aceitou a oferta. Contanto que a doação fosse destinada, em escritura, à Irmandade dos Vicentinos, para a construção de casas destinadas à pobreza. E assim foi feito.

Quem passa, hoje, pela Avenida Antônio Sales, avista a Vila Vicentina, situada entre as ruas Tibúrcio Cavalcante e Nunes Valente. Um conjunto de casas modestas, mas de belo conteúdo social, entre espigões que se alteiam, está a clamar contra o esquecimento a que foi relegado o nome de Raimundo de Alencar Araripe, falecido em janeiro de 1984, com 94 anos, sem outros bens que a casa onde morava e os proventos de funcionário aposentado dos Correios e Telégrafos, onde ingressou por concurso logo após a sua formatura em Direito.

Senhor Prefeito! Senhores Vereadores! Não permitam que se perca na vala da indiferença a nobre sugestão de um médico que faz história.

A festa do século

A chegada do século XX foi saudada com muita efusão em cidadizinha bucólica do sul cearense. Jardim - o seu nome - vivia uma fase privilegiada. Favorecera-a uma natureza dadivosa. Contemplada do alto da serra do Araripe, parecia mesmo um vergel. O

homem, este se esmerava em corresponder aos atrativos da terra. Duas instituições cuidavam da educação: o Colégio 24 de Abril e o Clube Literário Jardimense.

Se, como é costume afirmar, a escola tem no professor uma das suas molas mestras, se o seu sustentáculo maior é o corpo docente, podemos formar uma opinião muito favorável ao Colégio 24 de Abril pelos mestres que nele lecionavam, entre os quais avultavam o probo juiz Francisco de Lima Botelho, diretor do estabelecimento; José Caminha de Anchieta Gondim, figura clarividente que fundara a Farmácia Daudet, ainda hoje existente; Juvêncio Santana, que foi magistrado de projeção, e Joaquim Alves, sociólogo e professor que brilhou na Capital do Estado.

O Clube Literário Jardimense, que antecedeu de vários anos o 24 de Abril, reuniu o que não seria exagero qualificar de fina flor da sociedade jardimense, sob o comando do Padre Miguel Coelho, sacerdote culto, ativo e brilhante, que se movimentava com imaginação, espírito de iniciativa e empolgação.

A festa que promoveu em Jardim, na passagem do século, teve ressonância extraordinária. Fincou, nas fraldas do Araripe, lado norte, o Cruzeiro do Século, levado em procissão até a Chapada. A sessão litero-artística foi um deslumbramento, na opinião de minha mãe, que dela participou, como oradora.

O Padre Miguel Coelho escreveu 16 discursos a serem proferidos por moças da sociedade local. O que coube à minha mãe pronunciar, ela o sabia de cor e o reproduziu, para mim e os netinhos embasbacados, inúmeras vezes, a última das quais com mais de 90 anos. Eu temia até que ela se sentisse mal, pois se exaltava, vibrava, ficava vermelha, não esquecia nem os aplausos da assistência, traduzidos nas expressões "Bravo, bravíssimo, mais que verdade!!".

Guardo com carinho esse discurso, na cópia com letra de minha própria mãe. Se Deus não mandar o contrário, e espero que não o faça, ao transpor este século, vou recitá-lo para a família, reunida em confraternização. É uma peça literária de fino labor.

Quantas vezes, no correr dos anos, não aspirei por este momento, que me parecia, às vezes, tão distante e inatingível? Não imaginava que estaria a toldá-lo a amargura da partida da

minha mulher Noemi, sempre lembrada e querida pela constância do afeto e dedicação que emolduraram a sua atuação como filha, esposa, mãe, avó e bívó.

Assim falou minha mãe, Joana Caminha Gondim Araripe:

“Luz e mais luz bradou um poeta moribundo. Que vejo? Luz! Luz amortalhando um século, luz enfaixando outro. Que bela é a luz, senhores! Como é formoso o Sol! Contemplai a Via Láctea. Que prodígio. Que encanto!

“A luz, porém, mais bela, senhores, não é a luz física dos corpos. é a luz invisível dos espíritos. Deus é luz. Que bela luz! Uma fagulha desta luz caiu na alma do homem e o homem, para logo, tornou-se o primor da criação.

“Senhores, condensai toda luz estelar. Tudo isto será pequeno diante da luz que cintila no homem no começo deste século.

“Acanhada é a minha expressão, débil é a minha voz. pálidas são as minhas idéias para fazer o panegírico do século que se extinguiu. Foi um século gigante. Guerras tremendas ensangüentaram-no, erros lamentáveis macularam-lhe o manto estrelado. Que quereis vós? O Sol tem manchas, os caracteres mais puros têm senões. A perfeição absoluta procurareis somente em Deus.

“Os incontestáveis progressos do século XIX resgatam seus muitos defeitos. Um século é filho do outro, porque o presente está grávido do futuro, segundo a expressão de um sábio. Filho do século XIX, o XX haverá de receber a coroa imortal.

“A perfectibilidade é uma lei impreterível do espírito humano. A meta do progresso não está plantada no tempo atual. Este mundo luminosíssimo, criado pelo trabalho do homem, contém em si o gérmen de novas florescências e o princípio dos mais avantajados progredimentos.

“O homem, no dizer de filósofo grego, é um microcosmo, é a síntese do universo. Como são sempre enérgicas e ativas as forças cósmicas, sempre fecundo e criador é o nosso espírito. Nós, que temos nos olhos o cintilar das estrelas, na frente a curva do céu, temos na mente a idéia, temos na mente o universal, o infinito, que é Deus.

“Compreenderíeis o mundo sem o Sol, que oscula e fecunda a flor, desenvolve e amadurece o fruto, cria e conserva a vida nos animais, aquece e fertiliza a terra, tingem de púrpura a nuvem que balouça no céu, sobredoura a grimpã que mergulha no espaço e distende no horizonte a alvorada em que sorriem as cousas? O mundo seria treva, a confusão caótica dominaria, se não fora o Sol. O Sol não cansa. Guerreiro de mil batalhas, leva preso pela atração os mundos do nosso sistema como outras tantas coroas aureolando sua frente de rei.

“Compreenderíeis o mundo sem o progresso que monta no dorso movedio do mar, o vapor que visita os continentes, estende no espaço os fios elétricos que conduzem as palavras, recolhe e reproduz no fonógrafo a palavra de nossos lábios, as harmonias de nossa garganta, copia a

natureza, soletra o abecedário dos astros, desvenda os segredos da terra, subjuga todas as coisas, subordina-as ao serviço do homem, dourando a vida, poetizando tudo, mostrando aos nossos olhos estupefatos maravilhas que se diriam produtos de contos orientais?

“Apagai, senhores, esta luz que nos ilumina e nós voltaremos às florestas, às grutas, à vida nômade, à idade da pedra que se perde para nós em remotíssimo passado.

“Mas essa luz não se apaga. Reacende-se, porque é filha do espírito, e o espírito é filho de Deus.

“Faço votos a Deus para que as boas qualidades do século extinto sobrevivam no filho que desejo mais prudente, mais humanitário, mais amigo da ordem e da paz universal”.

Pela sua conceituação geral, não enrubesceria se lesse, hoje, em público, a oração centenária. Não conteria, porém, leve sorriso ao declinar a presença do fonógrafo..., tamanhos e maravilhosos foram os saltos na escala do processo da comunicação.